

Transcrição  
Memórias do Brasil  
Severino Vitalino

Imagem do sol nascendo  
Sobe som de uma Banda de pífano

Inserts, plantas na floresta e bonecos de barro.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Me chamam de professor, outros me chamam Vitalino, se me chama de Severino eu nem atendo. Mais acredita que o meu nome era para ser Cassimiro?

Banda de pífano tocando

(V.O) SEVERINO VITALINO: Mas meu nome, eu estou feliz com meu nome. Eu gosto do meu nome, eu adoro só Severino do Ramo, é o nome do Santo, um dia eu agrado. Então eu gosto muito.

(PA) SEVERINO VITALINO: Eu gosto de ser uma pessoa livre. Eu sou um artista, sou um artista sim! Eu sou um artista do momento, quando a pessoa procura a mim um mim eu tô ai pra "em cima da história", mostrar o que eu represento para a nossa cultura. Então a minha voz é essa aí.

Banda de Pífano toca, inserts de objetos feitos de barro

VINHETA

### **BLOCO 1**

Imagens do sol, um galo cacareja ao fundo. Severino Vitalino coloca a mesa para o café da manhã.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Todo dia de manhã é a primeira coisa na parte da refeição é o café da manhã. O mar, eu tinha uns 23 anos, especial Recife o mercado de seu Zé com meu pai. Então um certo dia, o tempo de entregar um material cedo a gente foi olhar o oceano, nós fomos para lá e foi quando eu conheci. No tempo eu era mais novo.

(PM) SEVERINO VITALINO: Um certo dia eu fui para boa viagem, nem os pés eu botei dentro d'água, dentro da praia em boa viagem. Eu tenho medo de água, eu não aprendi a nadar.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Nem na beira do rio eu chegava com o maior medo.

(PM) SEVERINO VITALINO: Porque eu não sabia nadar, então, eu tenho o maior medo d'água, respeito a natureza. Naquela época

não existia água encanada, eu carregava um galão e vinha para casa, tomava banho em casa com água que trazia lá no rio, mas não tomava banho dentro do rio.

(V.O) EMANUELA RODRIGUES: Pra mim o meu pai é realmente um patrimônio vivo. Tem muitas pessoas que gostam muito dele aqui. E tratam ele como um mestre. E isso pra mim é muito importante. Ele continuar aos 76 anos

(PM) EMANUELA RODRIGUES: Dando continuidade a essas peças que ele faz, que as pessoas gostam do trabalho dele, é muito importante.

Severino regando suas plantas.

(V.O) SEVERINO VITALIINO: Eu fiz, meu quintal é muito pequeno, é um espaço com oito metros de frente e trinta de fundo. Então a área que me sobra eu tenho dois fundos de queimar meu material e o que me sobra é para eu ter um verde. Eu planto, várias plantas. Eu sou filho de brejeira, minha mãe era brejeira. Quando a gente nasceu era um brejo, a Lagoa Paulista era um sítio. Meu pai já nasceu no lugar chamado Sítio Campos, mas era seca, não tinha nada. Já minha mãe nasceu em sítio, tinha frutas, tinha várias coisas, eu era garoto e ia com ela. Parece que eu tô no céu, eu fico tão feliz com aquelas plantas ao redor, aquele cheiro daquelas plantas, aquele sossego, aquela coisa calma, ver os cantos dos passarinhos.

Severino regando as plantas.

(PM) MARLIETE RODRIGUES: Já tive muitas experiências de fazer trabalhos junto com ele, já viajei a Portugal para fazer um trabalho, participar de feira e demonstração. Já fiz várias viagens com ele. Pra mim é uma honra um orgulho, ser amiga, do meu compadre Severino Vitalino e ter convivido, tá sempre convivendo com ele e participando dessa história.

(PM) ELIAS VITALINO: Ele é uma pessoa muito alegre. Tá sempre em colégio fazendo oficina, mostrando ao meu avô.

Elias faz miniaturas de barro

(V.O) ELIAS VITALINO: E também tá sempre, na casa onde o meu avô morou, recebendo as pessoas que nos visitam. Todos os dias ele está lá, todo dia. Da uma caminhada muito boa, todo dia.

Severino Vitalino, saindo de casa. Inserts ruas de Alto do Moura e produtos de barro.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Este lugar chama-se Alto do Moura. É um bairro de Caruaru ligado 8 quilômetros pela cidade.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Pernambuco a gente pode dizer que é um estado muito rico nessa introdução cerâmica, figurativa, nessa cerâmica figurativa tradicional. Então por exemplo, a gente tem o polo que se estabelece no sertão...

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: Em torno de Ana das carrancas, uma ceramista muito conhecida internacionalmente inclusive.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Depois a gente vem se deslocando em direção ao litoral. E aí a gente tem na zona da mata, na zona da mata norte.

Inserts objeto de barro.

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: Tracunhaém que também é um local bem conhecido e bem importante sobre a cerâmica figurativa, além da cerâmica utilitária que eles fazem também, inclusive vitrificada.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Depois no litoral, nós temos Goiânia, que tem também todo um núcleo de artesanato de artistas bem importantes, como por exemplo, "Zé do Carmo" que fazia Os Anjos Cangaceiros.

Inserts objeto de barro.

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: E que inclusive teve uma obra oferecida para o Vaticano e o Papa recusou, porque na verdade era uma representação de um anjo, mais era cangaceiro. Então é um bandido, sanguinário, aquela coisa toda relacionada com o que seria o iconoclasta.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Temos também o Alto do Moura, que é o grande símbolo.

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: Da nossa cerâmica figurativa e se diz que é o maior centro de Artes Figurativas das Américas. Na verdade é um belíssimo espaço, é uma belíssima comunidade em que vários artesãos, ainda tem esse vínculo muito forte com o que Vitalino, e os contemporâneos de Vitalino produziam. Essa cerâmica figurativa que retrata o homem da região, as profissões, as cenas do cotidiano de uma vida mais rural.

(PM) ANTÔNIO FELICIDANO: E pensa que tinha isso aqui era? Era uma estradinha de terra daqui para Caruaru, não passava nem carro. Passava cavalo, jumento, de vim, para Caruaru

para aqui, para Vitalino. Não tinha estrada não, ele não tinha carro não. Era carro de boi, o transporte era carro de boi, cavalo.

(PM) ANDERSON DO PIFO: O Alto do Moura ele começou a ter sua própria vida depois que os bonecos de Vitalino começou a ter vida. Então, tudo o que acontece, aqui dentro desse ambiente, aqui em Caruaru, esse lugar chamado Alto do Moura, tá em volta da casa do mestre Vitalino. Depois do Mestre Vitalino o Alto do Moura se tornou o Alto do Moura. Depois de Mestre Vitalino, o Alto do Moura, se tornou o maior centro de Artes Figurativas das Américas.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: Dizer a você precisamente o total de artesãos do Alto do Moura, eu acho que no momento eu nem tenho esse valor. Por que? Por que as crianças inclusive já trabalham com o barro. Então criança, jovens, adultos a gente pode dizer que a comunidade em si, trabalha com isso na sua totalidade, não todos, mas na sua maioria. É uma vida difícil? É. Até porque...

Um cavalo no pasto seco.

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: A nossa região é sofrida. É uma região com pouca água.

Inserts, cavalos, ovelha no pasto.

Severino Vitalino caminhando pela rua.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Nós temos 800, mais ou menos uns 800 artesões dentro do Alto do Moura hoje. Então quase toda casa familiar, trabalha com uma família. Então em cada casa tem um fumo para queimar o seu material.

(PA) SEVERINO VITALINO: Ele chega a ter o que, umas dez família e essas famílias representa esse território todinho. Sou filho, sou neto da mesma família.

(PA) AMÉLIA CAMPELLO: Seu Severino é um homem lindo. A alma dele é linda a pessoa dele é linda.

Fotos de arquivo pessoal.

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: É aquela pessoa cuidadora com a memória do pai. É ali aquele homem fiel ao que o meu pai fez, ao que meu pai deixou. Ao que eu quero deixar para os meus filhos e para os meus netos, para todo o povo Pernambucano, para as pessoas que estão aqui.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Essa prática de remeter ao passado, de ser um guardião, de abraçar uma missão, é bem emblemático, na verdade. Por que essas pessoas consideram e colocam como o grande legado da vida delas, essa construção cultural. Então, escolhem como uma missão de vida porque a vida para elas é isso.

Severino Vitalino olhando uma foto

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: Realmente é a grande construção, eu acho assim, fenomenal e acho que realmente é um processo identitário;

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Que tá ali o tempo inteiro em exercício, sendo exercitado e que nos faz ver que na verdade, a vida é muito mais, muito mais do que adquirir bens, adquirir objetos. Os nossos grandes bens, são realmente os nossos bens culturais, afetivos espirituais.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: Ele além de fazer o seu trabalho, ele faz réplicas do pai, mas ele também cria as peças dele. Ele cuida da Casa Museu Mestre Vitalino. Então veja que essa pessoa que nunca saiu de dentro de Caruaru, que nunca saiu do Alto do Moura, ter essa visão da importância da Casa Museu, da memória do pai. De guardar os objetos, de zelar por isso.

Inserts, objetos feitos de barro, Casa Museu Mestre.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Esse lugar aqui onde fica o museu, que trás do museu a primeira casa que o mestre morou.

Inserts objetos, cama, serrote, telhado, mala, pratos e etc.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Essa casa eu morei, até ele demolir ela. Nós entramos mais ou menos em 57 e em 1959 foi quando ela foi demolida e construída essa.

Inserts, quadros na parede com fotos

(V.O) SEVERINO VITALINO: Meu pai chegou no Alto do Moura, porque onde nós morávamos era um lugar chamado Sítio Campos.

(PA) SEVERINO VITALINO: Não tinha estrada. Ele começou a ser reconhecido de 1947 para 48. Ou então outros dias "vinham" e ficavam na beira do Alto do Moura, a central passava aqui para Rio e São Paulo era aqui no Alto do Mora, onde nós estamos hoje. Então ele ficava sem ter condições de receber o turista.

(PA) AMÉLIA CAMPELLO: O grande talento, ele é único, então você se sobressai, seja onde for. E o Vitalino teve isso, a gente sabe que a grandeza do mestre Vitalino.

Imagens de arquivo pessoal

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: Veio justamente desse clique que ele teve, de pegar o barro e transformar nas cenas que ele via no dia-a-dia.

(PA) AMÉLIA CAMPELLO: Ele enquanto criança, ele ajudava sua mãe a fazer as peças de barro, a fazer a louça, no caso a louça como é chamado, para vender na feira. Então era os pratos, os potes, as jarras e com as sobras do barro ele fazia os boizinhos para brincar enquanto criança. E aí é quando ele começa a fazer os boizinhos e levar junto com a mãe para vender na feira. E aí o boizinho dele começa a vender, e aí ele começa a fazer. Até que um dia...

Inserts objetos de barro

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: Ele faz um gato maracajá que é um gato da nossa região que é um gato rajado, um gato do mato e essa peça é vendida para uma senhora de Recife.

(PA) AMÉLIA CAMPELLO: Atrelado a isto, a gente teve a ajuda dos irmãos Rodrigues, que foi Abelardo e Augusto Rodrigues. Enquanto artista, Augusto Rodrigues e Abelardo enquanto colecionador. E foi um grande incentivador do Mestre Vitalino. Inclusive o Vitalino ele morava no Sítio Campos.

Imagens de arquivo pessoal

(PA) AMÉLIA CAMPELLO: E através dessa ligação com Abelardo de Augusto Rodrigues, ele vem para o Alto do Moura para ficar mais próximo da feira, mais próximo da cidade de Caruaru. E aí ele começa a perceber o valor do seu trabalho. Mas o seu valor, não o valor monetário, porque Vitalino nunca percebeu isso. Ele sempre fez por fazer, mas ele viu que as pessoas gostavam do que ele fazia. E aí ele fazia e vendia.

Imagem de arquivo pessoal

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: Então mesmo que ele não vendesse, mas se o artesão amigo dele vendesse tava tudo certo. Entendeu?

(PA) AMÉLIA CAMPELLO: Por que ele não tinha esse valor comercial que a gente hoje em dia entre as pessoas. Essa coisa, "Vou vender." Vitalino não tinha isso.

(PA) SEVERINO VITALINO: Era difícil, porque naquele tempo a arte não dava tudo. Então meu pai não tinha outra profissão para criar seis filhos.

Imagens de arquivo pessoal

(V.O) MESTRE VITALINO: Mais muitas vezes ele botava o banco na feira e não vendia uma peça e não tinha um centavo para comprar uma batata, vamos dizer.

(PA) MESTRE VITALINO: Então ele chegava do trabalho a noite sem nada, então no domingo de manhã ele ia para casa de um amigo que tinha uma vendinha e comprava a dez, doze, quinze mil reis, para passar três, quatro dias.

(PM) MESTRE VITALINO: Quando era na quarta, botava o "bancozinho" novamente, arrumava um trocadinho, pagava e fazia uma nova compra. Então nós vivia nessa vida.

(PM) EMANUELA VITALINO: O meu avô ele criou mais de 118 tipos de peça. Então todas as peças que as pessoas fazem hoje, geralmente o meu avô fez. E é muito legal, a gente ver o que acontece no dia-a-dia, retratado no barro.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Ele próprio foi construindo a trajetória dele.

Imagens de arquivo pessoal

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: Então as figuras como é que ele fazia, como é que ele elaborava o olho, pintava, colocava o branco do olho e o pontinho preto. Em outros momentos era só a figura sem a pintura nenhuma, depois como é que ele resolvia fazer essa narrativa das profissões, do dia-a-dia não é?

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Isso tudo aí na verdade é uma vitrine e ao mesmo tempo é uma memória, um registro de memórias, que não precisou de palavras.

Imagem de arquivo

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: O discurso de um homem sensível, que era um grande observador.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Um grande observador do que existia e do que acontecia no seu entorno, na sua própria vida e na vida da sua própria comunidade e essa narrativa na verdade é uma narrativa singular e ao mesmo tempo é uma narrativa coletiva.

(PM) ANDERSON DO PIFE: As duas paixões de Vitalino, eram o barro e o pífano.

Imagem de arquivo pessoal

(V.O) ANDERSON DO PIFE: Ele tocava junto com uma banda do Mestre Vicente aqui, depois tornou-se a Zabumba Mestre Vitalino. E depois os músicos que são da Banda Zé do Estado, fazem parte, fizeram parte e fazem parte da Zabumba Mestre Vitalino.

(V.O) JOSÉ FELICIANO: Tem muita novena por lá. Tem muita novena, meus filhos tocavam também e o meu pai dizia.

(PM) JOSÉ FELICIANO: "Olha meu filho, a única coisa riqueza que eu vou deixar para vocês, eu pensava que não era, eu pensava que era ouro, não era não. A única riqueza que ele deixou foi essa riqueza aqui.

Inserts de livros, instrumentos da banda Pífano,

(PM) JOSÉ FELICIANO: 86 anos nessa batalha, não é mole não. É duro, é duro pra gente que é aqui de Caruaru, é uma coisa difícil.

Banda de pífano de barro

(V.O) JOSÉ FELICIANO: Mais se torna fácil, é uma coisa bem simples, mas é uma coisa boa, uma coisa extraordinária.

Banda de pífano tocando

(V.O) MARCELO RENAN: O produto dele já não é mais um produto de ponta de rua, é um produto que vai para estantes e vitrines de loja, de artesanato do brasil todo, é um produto que se refinou.

(PM) MARCELO RENAN: Pelo seu acabamento, aperfeiçoamento e pelo nome que ele agrega, mais os temas eles continuam sendo temas das ruas.

Banda de Pífano tocando

(PM) NOEMI RODRIGUES: Todo ano eu tinha um filho, então eu cheguei a ter 17 filho, ai se criou treze.

(PA) SEVERINO VITALINO: Sou pai de treze filho, então o meu filho chegou a estudar, ir para a escola, alguns foram até a oitava série, naquele tempo tinha oitava série. Então disso ai parou, porque nós não tínhamos transporte no Alto do Moura, eu não podia comprar nem uma bicicleta para os meus

filhos. Eu fazia a quarta série aqui no Alto do Moura e ia passar para a cidade. Os dois mais velhos conseguiram comprar uma bicicleta, deram um jeitinho e foram estudar na cidade, esses ainda chegaram a oitava série. E os outros onze filho não chegaram a esse limite.

(PM) NOEMI RODRIGUES: Mais é uma vida difícil, é uma vida que a gente, não pode parar. Nós parou, caímos.

(PA) MESTRE VITALINO: No começo nós não tínhamos indústria em Caruaru, não tinha nada para o cara trabalhar, quem veio do trabalho com o barro. Então eles se acostumaram através dos pais, dos avó, então por ai, noventa por cento da minha família trabalha com o barro.

(PM) MARCELO RENAN: A exemplo do seu pai, ele tinha uma técnica muito semelhante.

Inserts, fotos de acervo.

Vitalino fazendo bonecos de barro.

(V.O) A forma de sentar, de manusear o barro, e modelar os bonecos, usar a pintura, é muito semelhante, a gente não pode entender com cópia, quando ele é um discípulo. Então, não se trata de ser uma cópia, se trata de ser um aperfeiçoamento de uma técnica familiar.

Banda de Pífano tocando

Inserts de bonecos de barro

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: O gato de maracajá é um gato que nós temos na nossa região, no agreste, no sertão de Pernambuco. Ele é conhecido como o gato do mato, ele é um gato muito brabo, ele chega a ser uma mine onça.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: E por ser um gato muito bravo ele chega a ser uma mine onça e por ser um gato muito conhecido, muito próximo do dia-a-dia. E Vitalino morava em uma zona rural então ele criou essa peça, o gato em cima da árvore e o caçador querendo pegar o gato, que isso era uma cena muito comum.

(PM) SEVERINO VITALINO: Hoje é a peça mais vendida, mais conhecida em todo o Brasil, em todo o mundo. Por que todo mundo quer. "Eu queria a primeira peça do Mestre Vitalino" eu digo "Minha gente faz seis anos que ele faleceu, que ele fez essa peça." Então é cem anos que essa peça foi feita.

Banda de pífano tocando.

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: O museu do barro de Caruaru ele contempla a coleção de arte popular de Abelardo Rodrigues, a coleção do museu do barro da Fundarpe e o acervo museu de arte popular de Caruaru e o acervo que a prefeitura de Caruaru adquire ao longo do tempo.

Inserts, imagens de arquivo pessoal e imagens da parte interna do museu

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: Vitalino, a gente chama ele de mestre, é aquele homem simples, franzino, baixinho, aquele bigodinho ralo e com a cabeça de inteligência invejável. Basta você perceber por uma frase que ele dizia que as mãos, produz a riqueza e a cabeça desocupada só confusão.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: Vitalino não guardava só para si, ele tinha prazer de ensinar e de ver os outros aprendendo com ele.

Fotos de acervo

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: A imagem de Vitalino se você perceber a primeira fase, está um pouco inacabada. Os bonecos, são mais rústicos, porque? Porque ele não, tem essa pretensão de venda de ser um Mestre Vitalino, nunca passou essa ideia.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: Na segunda fase, onde ele começa a trabalhar com as profissões, ele já começa a perceber a importância da sua obra.

(PA) MARLIETE RODRIGUES: Além de ser um grande mestre que criou tantas coisas e tantas cenas do dia-a-dia, do folclore, do religioso, como também, o exemplo de pessoa que ele foi. Não teve ciúmes quando todo mundo começou a copiar o trabalho dele, ele incentivou e disse que todo mundo realmente precisava viver e não podia proibir. Então ele deixou um exemplo muito lindo de incentivo para que todo mundo continue.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: Ele retratou também uma época e que não existe mais essas cenas inclusive, na nossa região. Então o enterro na rede, era muito comum. Mais hoje em dia, ninguém enterra mais ninguém na rede. Assim como os soldados.

Fotos das peças de barro de Vitalino

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: Que na época, quando Vitalino começou a retratar os soldados, estava acontecendo uma revolução, na cidade de princesa Isabel, no sertão da Paraíba. Assim também

como os cangaceiros. O retirante, a gente não vê hoje em dia como Vitalino retratava. Ele não retratou, figuras sacras, ele dizia que era ruim;

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: Botar um santo dentro do fogo e tocar fogo na peça. Tanto que Caruaru não tem essa tradição de fazer obras de arte sacra no barro. Ele era devoto de Padre Cícero, mais ele nunca retratou o Padre Cícero.

Imagens de arquivo pessoal

(V.O) MESTRE VITALINO: Ele foi uma pessoa humilde, uma pessoa pobre, sofrida, pai de seis filhos. Ele exigia que a gente trabalhasse com ele e aprendesse.

Sobe música:

Em Alagoa real o vaqueiro mostra a bravura, se espira em seus versos, mostrando a verdade pura, música raiz na Bahia, com prazer e alegria, preservando essa cultura...

(V.O) SEVERINO VITALINO: O vaqueiro é um homem corajoso.

(PM) SEVERINO VITALINO: Sofredor também, rico "os patrão" mas é uma peça qu é muito elegante, representa bem o nosso Pernambuco.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: O vaqueiro é a nossa identidade. Identidade da nossa região do nosso sertão.

Imagens de vaqueiros

(V.O) NOEMIA VITALINO: Eu já pelejei, já arrumei uma mesa, uma cadeira, entreguei para ele, vim trabalhar aqui para ver se tu consegue, mas ele não consegue, que ainda hoje ele faz aquele colo e trabalha.

(PM) NOEMIA VITALINO: Quando eu era mais nova eu fazia o colo mais hoje eu não faço mais não.

(V.O) EMANUELA VITALINO: Ele continua fazendo as peças que meu avô fez, Todas aquela que as que meu avô criou ele retrata hoje aqui na Casa Museu, onde ele faz as peças.

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: Eu lembro que as orelhas das obras do mestre Vitalino, ele forma como se fosse uma interrogaçãozinha. A gente percebe as orelhinhas mais altas, os olhinhos mais bem-feitos.

(PM )AMÉLIA CAMPELLO: Vitalino não tinha essa preocupação em lapidar sua peça porque ele não tinha essa noção da venda, do artista, do mestre. Já Severino ele tem essa noção.

Inserts obra de barro.

(V.O) MARCELO RENAN: É um saber aprimorado, eu diria, mas é um saber que precisa de um recurso muito maior, porque como ele mantém uma tradição familiar, ele mantém uma memória de uma pessoa tão célebre quanto o Mestre Vitalino, sendo ele também tão célebre, a gente já não está tratando mais de um mero discípulo, ele é o artista hoje. Ele é Vitalino também.

(PM) MARCELO RENAN: Mas, ele é o Severino. Ele agora é o outro artista, então é a memória que se constrói. Memória que se mantêm. A partir do que ele faz na atualidade.

Marliete Rodrigues fazendo uma peça no barro, banda de pífano.

(PM) MARLIETE RODRIGUES: Eu tinha 6 anos de idade, porque eu vi meu pai trabalhar por que ele foi um dos primeiro discípulos de Mestre Vitalino.

(V.O) MARLIETE RODRIGUES: Se chamava Zé Caboclo, faleceu dez anos depois do Mestre Vitalino, com 52 anos.

(PM) MARLIETE RODRIGUES: E a minha mãe também era artesã.

(V.O) MARLIETE RODRIGUES: Então eu vendo eles trabalhando todos os dias, eu comecei a trabalhar com o barro.

(PM) MARLIETE RODRIGUES: Na escola eu já pensava, quando eu chegar em casa eu vou ter tempo de fazer os meus brinquedos.

(V.O) MARLIETE RODRIGUES: Pra mim, era tão importante mexer com barro...

(PM) MARLIETE RODRIGUES: Que as vezes eu ficava até com vontade de não ir para a escola. Foi muito cedo que eu descobri esse encantamento,

(PM) ELIAS VITALINO: Meus filhos também, aprenderam comigo, como eu aprendi com meu pai, eu acho muito importante.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Tem uma coisa que agente grava quase como um gravador, então são coisas muito antigas. Mais graças a Deus vive na minha mente e na hora que eu vou fazer aquela peça eu já sei o que eu vou fazer.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Eu agora não estou pensando, mais é eu me sentar naquele banquinho de barro que eu já vou pensando o que vou fazer.

(PM) EMANUELA VITALINO: Ele falou que vai ter que fazer essa para vocês filmarem e depois vai levar para o forno, do início ao fim.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Então é muito bonito, ele se senta naquela posição de yoga, coloca os instrumentos ao redor dele e fica evocando esse saber tradicional, que o pai transmitiu para ele o tempo inteiro. É bem bonito a gente conseguir manter essa narrativa em desenvolvimento.

Vinheta de comercial

## **BLOCO 2**

Vinheta

Um homem cava um buraco  
Inserts transporte da areia.

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: Olha o barro, se você abrir a bíblia, você já se depara com a presença do barro. Então o barro é uma coisa milenar, o homem ele é o próprio barro, porque o homem ele um dia vai se transformar em barro, então o barro ele tá presente na religiosidade, ele tá presente em nossas casas, ele tá presente na nossa panela no fogo, ele tá presente no nosso copo de beber a água, ele é essa coisa representativa e essa coisa milenar e que e que vem até hoje pelo seu produto. Vai passando de pai para filho, vai chegando em cada lugar como eu disse com a sua especificidade e ele tá lá. Na religiosidade a gente vê o barro na arte sacra, no candomblé, nas panelas de Iemanjá, nas oferendas para os orixás. A gente vê o barro no índio, na preparação da raizada, na preparação da comida, então essa coisa presente no cotidiano das pessoas. O barro somos nós.

(V.O) GENARO LOPES: Tem dois tipos de barro, o barro forte e o barro fraco. Para quem trabalha com pecinhas pequeninhas, se usa barro forte. E quando é uma peças grandes, que tem umas boneconas graúda, maior do que as pessoas, é com aquele barro, o barro fraco. Porque se fizer com aquele barro, barro forte peça grande, ela queima tudo bem, mas quando for para o forno estoura, "pipoca todinho".

(PM) GENARO LOPES: E o barro fraco não, o barro fraco seca e queima sem problema.

Inserts barro sendo preparado

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: Tem uma coisa bem importante que é o manuseio, então quando você usa o barro, você coloca ali

as suas digitais. Você coloca a sua energia, as imperfeições, irregularidades, ou melhor, o que você consegue fazer naquele momento que é único. Então eu gosto muito quando eu vejo que uma cerâmica, uma escultura em cerâmica, ela tem ali as mãos, os traços e o ritmo daquela pessoa que elaborou aquele trabalho.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: E a gente não vai encontrar, em outra peça, ela nunca vai ser igual, a não ser que você, trabalhe manualmente.

(V.O) MARIA ALICE AMORIM: Então isso é bem interessante.

Sobe som de banda de pífano.

(V.O) MARLIETE RODRIGUES: Muito importante é a qualidade do barro sem dúvida aqui no Alto do Moura, pelo fato de ter um barro de boa qualidade é o barro massapê em vários tipos. Tem o mais fraco, tem o mais forte...

(PM) MARLIETE RODRIGUES: Que é tirado da área do rio mais profunda, fundamental, muito importante a validade do barro, que dá mais resistência.

Inserts, mãos sujas de barro, telhas feitas de barro, telhado de barro.

Sobe o som banda de pífano.

(PA) MESTRE VITALINO: Demais, quando eu tô trabalhando o dia são doze horas, quando eu tô trabalhando pra mim parece que só teve seis. Quando eu tô trabalhando e dá dez horas, já é doze horas,

Banda pífano tocando.

(V.O) MESTRE VITALINO: Vaca vaqueira é uma coisa que representa...

(PA) MESTRE VITALINO: A festa junina. A Festa de São João. Isso ai eu faço também com muito carinho, com muito amor. Os vaca vaqueira ficam bem contentes. "Mais rapaz, olha!" Os sanfoneiros, o triângulo, o zabumbo e tem o mestre do batalhão que fica chamando o batalhão na frente das casas de família. Eu alcancei muito aqui dentro do Alto do Moura, naquele tempo. Então isso é uma coisa que reconhece a nossa história passada.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: A obra do Severino, ela está dentro de museus, então não é uma obra qualquer. Ela tem um valor, artístico, cultural muito grande.

(V.O) AMÉLIA CAMPELLO: Essa obra tem um valor muito mais elevado.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: Pela valorização que a gente dá a importância do trabalho.

Banda de pífano tocando

(PM )SEVERINO VITALINO: Era meio difícil, quando eu comecei com a minha primeira namorada eu tinha dezoito anos.

(PM) NOEMIA VITALINO: Ele morava em sítio campos e ele veio pra cá. Aí a gente se conheceu.

(PM) SEVERINO VITALINO: Nós brincamos uma noite de São João, começou o namorinho e ai aconteceu. A gente namorou e não acabou mais.

Inserts, obras de barro feitas por Severino Vitalino

(PM) SEVERINO VITALINO: Ele é bom porque ele retrata e mostra a religião, naquele tempo, o pessoal casava mesmo a moça ia para igreja, toda vestida de branco e era aquela alegria. Isso é uma coisa que ela traz no conhecimento, perto da juventude que hoje não sabe. O casamento hoje é muito diferente daqueles casamentos de antigamente.

(V.O) NOEMIA VITALINO: É a sorte né? Se encontrou e ainda hoje continua.

(PM) SEVERINO VITALINO: Nós brincando uma noite de São João, começou um namorinho e aconteceu, e esse namorinho não acabou mais.

(V.O) GENARO LOPES: Primeiro veio a peça fácil de fazer, a gente produz muito e eu achava bonito mesmo e acho que Lampião foi um herói. E hoje não se cria mais isso.

(PM) GENARO LOPES: Não se cria mais isso. E naquele tempo ele tinha a moral para dar e vender. E hoje não é mais possível fazer isso

Inserts, banda de pífano tocando e peças de barro.

(PM) SEVERINO VITALINO: O retirante ele mostrou o sacrifício desde do homem camponês, do homem do agreste, do homem do sertão. Foi bem conhecido por que ele levou o conhecimento do nordestino lá no Sul. O Nordeste hoje é uma riqueza, o Nordeste hoje é... Mais foi através de meu pai que levou esse retrato, e com todo respeito Gonzagão cantou.

(PM) MARIA ALICE AMORIM: Essa força, ela também é a nossa voz, a nossa voz para o Brasil, a nossa voz para o mundo. Então estamos aqui.

Banda pífano tocando.

(PM) SEVERINO VITALINO: A casa de farinha, ela retrata a nossa "cultura alimentar". A farinha, feita na casa de fazer farinha, o cara planta aquela roça e espera um ano, leva o animal para aquela casa de mandioca, bota a família para raspar farinha, todo dia ali naquela casa de farinha. É uma peça muito elegante, é uma peça que eu adoro essa peça. Ela tá retratando aquilo que nós perdemos aqui, nós não tem hoje mais no nordeste a casa de fazer farinha.

(V.O) MARCELO RENAN: Como já tem barro, ele em minha opinião, ele sintetiza tudo isso, que a gente consegue mostrar como o artista, ele retrata esse ambiente e como a pessoa, ela pode se reconhecer naquele ambiente. Diferente da pintura por exemplo que tem um viés mais tecnicista e acadêmico, onde muitas vezes o retratado não consegue se enxergar. Ele não consegue se perceber.

(PM) MARCELO RENAN: Em uma arte, uma pintura. A arte figurativa ela consegue se comunicar dessa forma.

Inserts peça de barro e banda de pífano.

(PG) SEVERINO VITALINO: Você pega um pedaço de barro e fica pensando assim aquele acontecido. E tem um cara que foi buscar um balde d'água, tem outro que foi pescar, então nós pega o barro para fazer um boneco, e já vai pensando qual é a coisa que vai fazer.

(PM) NOEMIA VITALINO: Ele honra muito a arte dele e do pai dele.

(PM) MARLIETE RODRIGUES: Ele fez um trabalho muito lindo, eu fiquei encantada quando eu vi.

(V.O) MARLIETE RODRIGUES: E quando ele falava, era como se ele tivesse vivendo realmente aquele momento.

Inserts, Severino Vitalino, obras de barro e ruas Alto do Moura.

(PA) Vendedora: Tem o acervo de Elise, de Vitalino, tem o de Edilza, tenho vários artesões. Tem o de Edinaldo, eu gosto dessa de Vitalino, que a gente vende muito dessa. Tem a banda

de pífano, tem os retirantes, tenho vários artesões, várias peças. Aqui é o retirante.

(PM) Vendedora: São as peças feitas pela família de Vitalino, Vitalino foi quem criou, mas só ficou filhos e netos, são vários artesões. Eu tenho de dez, vinte, quinze, depende a partir de cinco pode ser que a gente tenha, a partir de cinco a gente tenha nessa loja.

(PG) MARIA ALICE AMORIM: Eu acho que é uma questão importante, para a gente pensar, até que ponto na verdade isso tá sendo dirigido, induzido para um consumo. Eu acho que a gente tem que manter essa tentativa de fazer com que esse trabalho, seja realmente um trabalho simbólico, um trabalho artístico.

(PM) SEBASTIÃO: Já, já ouvi falar de. Eu moro vizinho ao museu lá. Só o jeito dele pegar no barro, fazer no barro, mexer no barro e fazer o boneco, aquilo ali já é um negócio muito importante. Eu sempre observo, tenho um vizinho mesmo que trabalha com esses bonecos. Lá ele faz, trabalha com jarro, eu fico olhando assim, mais rapaz, como é que você tem uma prática dessa tão grande? A gente aprende Sebastião, isso aí vem dos nossos decentes. Importante, eu já olhei tanto mais se for para eu fazer, eu não sei fazer.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: O futuro do Alto do Moura me preocupa, por que existe um parque industrial localizado próximo ao Alto do Moura. E a indústria a gente sabe que ela devora. E o Alto do Moura é um celeiro de criatividade. Então a partir do momento, que você coloca, o parque industrial. É mais fácil ganhar o dinheiro trabalhando na indústria, que o seu salário no final do mês está certinho, do que você vender uma peça de barro.

(PM) ELIAS VITALINO: Eu acho que a gente tem que lutar bastante pra não deixar essa arte morrer, porque está chegando o progresso. Temos muitas, residências ao redor do Alto do Moura, indústrias, é muito bom o progresso, mas eu temo por conta disso. Que os jovens não queiram mais seguir a Arte. Mais a gente tem que mostrar que é importante e que eles continuem.

Inserts, artesanto no Alto do Moura,

Banda de pífano

(PM) SEVERINO VITALINO: Tudo, a memória 'As telhas. Ela faz parte da vida, é o que movimenta isso tudo que "nós precisa" viver.

(PA) SEVERINO VITALINO: Essa peça é o pai dando conselho ao filho, então, é uma peça que eu pensei que não fosse aprovar, mais graças a Deus a turma chegou e olhou assim e gostou da peça. Que apertava um sinal muito bonito, um gatinho de lado tá com um livro mostrando, contando as histórias para o filho, então pra mim, essa peça valeu. Gozar dos meus 76 anos, com mais uma gravação.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: Pai e filho, é o Alto do Moura, porque o pai foi Vitalino e os filhos, estão todos lá. Então não é só o filho carnal, são aquelas crianças que estão nascendo hoje, que são os filhos de Vitalino, que no futuro, são eles que vão passar, para a nova geração, o que Vitalino deixou no Alto do Moura. Então eu vejo essa coisa de pai e filho, todos os artesões, do Alto do Moura e o grande mestre, para nós, o Vitalino.

(V.O) SEVERINO VITALINO: Cem anos de uma arte de pessoa humilde, que não tinha leitura. Pessoa de um pedacinho de barro, pegar uma coisa que a natureza que Deus mandou e com isso aí divulgou o nosso país, o nosso Brasil.

EMANUELA VITALINO: Eu vejo o que um pai está ensinando ao filho, tá tentando ensinar o filho. Justamente porque ali está o pai conversando com o filho, falando para ele como tem que ser.

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: A energia de Vitalino tá aqui conosco. A energia de Manoel Doso tá aqui, a energia de Zé Caboclo e de tantos outros, porque esse é o papel da memória, é passar a história através dos livros, é passar as histórias também através das obras de arte mas também dizer...

(PM) AMÉLIA CAMPELLO: Eu vivi, já estou aqui, enquanto pessoa, enquanto gente, enquanto cidadão.

(PA) SEVERINO VITALINO: Adorei, a peça ficou em primeira vez em cima da minha arte, do estilo do mestre, então a coisa vez um engenheiro, aí vem Severino é "assim, assado". Eu cheguei lá.

(PM) SEVERINO VITALINO: Hoje eu me considero um discípulo, estou aprendendo por aí.

Créditos